

Prefácio: De florestas e travessias, à guisa de prefácio

Regina Michelli

Como citar: MICHELLI, R. De florestas e travessias, à guisa de prefácio *In* : CABRAL, G. A. C. **A arquitetura do ato de ilustrar de Rui de Oliveira: contribuições dos livros de imagem para a formação do pequeno leitor literário** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p.27-30. DOI:<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-314-4>. p27-30



De florestas e travessias, à guisa de prefácio

Nosso prefácio começa pela autora. Gisele é uma grande desbravadora, aventurando-se por trilhas e veredas, sem medo de adentrar a floresta densa do conhecimento científico. Por vezes, esse espaço é mata cerrada aos acessos de principiantes, mas a persistência na investigação, na coleta e análise de dados, na (re) escrita do trabalho conduzem à ultrapassagem dos becos sem saída num trajeto por vezes labiríntico.

A obra que hoje temos o prazer de ler, transformada em livro, entretece diferentes fios teóricos e ficcionais a uma história de vida. Apontando as motivações que a levaram ao tema escolhido, a pesquisadora ensina que pode haver muito de pessoal e de paixão nos investimentos acadêmicos, sem que isso signifique abdicar da rigorosa visada científica. Articulando Educação, Literatura, Artes, Design, o trabalho põe em diálogo, com excelência, textos, linguagens e saberes, defendendo a necessidade da alfabetização visual na escola.

O título sabiamente introduz seu leitor pelas trilhas que ele vai seguir, guiado pela perspectiva de nossa autora. Rui de Oliveira, o grande mestre da ilustração de obras literárias, constitui o núcleo central da pesquisa, cujo foco recai especificamente nos livros de imagem e sua importância para formação do leitor literário. O título anuncia a abordagem do trabalho e aponta para os fios que florescem nos capítulos.

O primeiro capítulo resgata a história de formação leitora da pesquisadora pelos densos caminhos de escolarização, por vezes tão precariamente preparados, e sua transformação em professora. A metamorfose consolida um ser inquieto e sófrego por novas perspectivas metodológicas a serem introduzidas em sua sala de aula, propiciando, a seus alunos, experiências bem diferentes das que a formara. Há a defesa

do protagonismo do livro, da leitura e da escrita, práticas capazes de ampliar vivências em diversos planos, como o cognitivo, o sensível, o afetivo. Há percalços, desvios de rota, ajustes e retomadas no rumo empreendido: só se descobre o rumo ao empreender a viagem. Ainda neste capítulo, delinea-se o projeto de pesquisa, o porquê do título, a escolha do artista e seus livros de imagem, a estrutura dos Encontros Dialógicos, ou seja, conversas com o próprio artista a respeito de cada livro que compõe o universo de títulos ficcionais, a revisão da fortuna crítica sobre literatura infantil e ilustração.

No segundo, a imagem é analisada levando em consideração o contexto inicialmente histórico, passando à ilustração tanto na literatura infantil, quanto no âmbito brasileiro. Firma-se o valor estético de obras designadas como livro de imagem e seu vigor na formação do leitor literário ainda principiante. Conceitos como literatura, leitura, infância são iluminados e problematizados, bem como questões relacionadas ao tratamento das imagens como obras de arte ou a possibilidade de se compreender livros de imagem no âmbito da literatura.

Investigar e compreender o processo criativo de Rui de Oliveira, base do terceiro capítulo, traz, indubitavelmente, imensas contribuições aos estudos da ilustração, da imagem, da literatura infantil, do design. Partindo dos “Encontros Dialógicos”, a voz autoral do ilustrador é resgatada e se faz presente, esclarecendo intenções e estratégias composicionais não só dos livros de imagem, como do próprio fazer estético de Rui de Oliveira. À voz e à visão do artista somam-se também as do professor pesquisador e as do pensador crítico de seu ofício: Rui de Oliveira é um filósofo!

As análises e as interpretações das obras não se restringem, porém, ao ponto de vista do artista sobre a sua produção, consagrando igualmente a visão autoral competente da pesquisadora. No último capítulo, o leitor atinge o entretecer do repertório teórico à análise dos

textos ficcionais imagéticos, cujo elenco abarca sete obras e nove narrativas: *Quando Maria encontrou João, Uma história de amor sem palavras, Max Emiliano, O Vento, A Bela e a Fera: conto por imagens, Chapeuzinho Vermelho e outros contos por imagem* (“João e Maria”, “Chapeuzinho Vermelho” e “O Barba-Azul”), *As aventuras de João Sem-Fim*.

Toda pesquisa é uma viagem, uma travessia. Corre-se o risco de desistência, de se perder nos meandros do caminho, tropeçar nos obstáculos. A ultrapassagem desse enovelado de fios que vão se juntando consolida a realização e conduz ao sentimento de plenitude pelo trabalho heroica e nobremente cumprido. Gisele, qual artesã do texto, exercita a leitura e a escuta para, enredando-as às próprias ideias, compor um trabalho polifônico. Faz circular várias vozes, variados saberes, entretecendo palavra e imagem, teoria e ficção, razão e emoção. Aspira-se afeto nas páginas escritas, nos agradecimentos ao Professor Rui e na Carta-convite que lhe foi enviada, acenando para a vivência com sua orientadora Cyntia Giroto. Aflora ainda a empatia com pequenos leitores e sua formação literária.

A floresta, percorrida com responsabilidade e consciência, foi desbravada numa travessia verdadeiramente iniciática, cujo caminhar simboliza a busca, o anseio pela realização do sonho, efetivando uma aprendizagem singular que confere sentido à vida.

Regina Michelli
(fada madrinha)

